



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

**O PRECONCEITO ÉTNICO: PROBLEMÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE
2018**

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

**O PRECONCEITO ÉTNICO: PROBLEMÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo, apresentado ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.
Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Dra. Diana Sampaio
Braga

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Rita de Cassia Costa.

O preconceito étnico [manuscrito] :
problemática no cotidiano escolar da educação
infantil / Rita de Cassia Costa Silva. - 2018.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Pedagogia) - Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Educação , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Diana Sampaio Braga
, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação infantil. 2. Prática pedagógica. 3.
Preconceito.

4. Etnia. I. Título

21. ed. CDD 372

RITA DE CÁSSIA COSTA SILVA

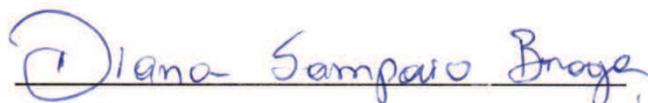
O PRECONCEITO ETNÍCO: PROBLEMÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Artigo, apresentado ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação

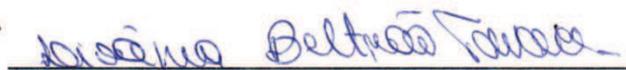
Aprovada em: 04/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



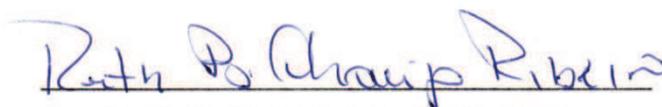
Prof.^a. Dra.^a. Diana Sampaio Braga (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Me. Livânia Beltrão Tavares

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Me. Ruth Barbosa Araújo Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus que é o Autor e consumidor da minha fé, Ele que me deu forças todos os dias para que eu terminasse minha graduação.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Helena, por todo zelo e cuidado que sempre teve comigo, pelas palavras de encorajamento.

Ao meu pai Inácio (In Memoriam), por ter me ensinado valores que são inegociáveis pra mim, por ter sido a melhor pessoa que eu já conheci em minha vida por ser um homem de coragem, trabalhador, que sempre me incentivou nos estudos.

A minha irmã Hely, que tem sido grande fonte de inspiração para minha vida, aos meus irmãos por me ajudar nessa longa batalha, sempre me apoiando.

Ao meu amado marido Gerardo por ser meu maior incentivador, à ele que me ajuda a nunca desistir dos meus sonhos, as minhas filhas Lorena e Liz que deixam meus dias mais alegres e assim deixaram mais leve todo cansaço do dia a dia.

A minha sogra Lineusa pela paciência e amor que sempre dedicou a minhas filhas enquanto eu estava ausente buscando mais conhecimento para terminar minha graduação.

A minha professora orientadora Diana, que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Aos meus amigos que conheci durante a graduação e que levarei para sempre comigo, Lays, Herton, Rayane e Mayonara eles que sempre ajudaram e me encorajaram todos os dias.

Aos professores do Curso de pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“O preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível.”

(Maya Angelou)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PRECONCEITO ÉTNICO NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
3 OS CONTOS DE FADAS E O PRECONCEITO RACIAL	12
4 A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL O PRECONCEITO ÉTNICO.....	15
4.1 Brinquedos e brincadeiras	17
5 METODOLOGIA.....	18
6 ANÁLISE DE DADOS	19
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	25
ANEXO	27

O PRECONCEITO ÉTNICO: PROBLEMÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rita de Cássia Costa Silva^{*}

RESUMO

Sabe-se que, desde os primórdios é recorrente a presença do preconceito seja ele social, econômico, religioso e étnico-racial, onde as pessoas são julgadas pela a sua cor. A partir de um estudo, qualitativo com uma aluna e professores da Educação Infantil foi possível constatar alguns fatores que devem ser discutidos no meio educacional para que aconteça melhoras significativas. O escopo é analisar as práticas pedagógicas realizadas pelas docentes quanto a temática étnica-racial nas salas de aula, refletir as ações e projetos voltados para trabalhar o preconceito na escola, assim como, discutir a relação da etnia com a educação. É necessário que aconteça de fato, medidas cabíveis para que o preconceito seja combatido, onde todos sejam mais tolerantes e aceitem o outro como ele é na sua essência e não na aparência. As famílias, as escolas devem ser parceiras na realização de um trabalho educativo composto de palestras, debates, filmes, campanhas, para acabar com esse pensamento racista que até hoje perdura em nossa sociedade. A partir, da análise das entrevistas e de pesquisas bibliográficas em livros, revistas digitais e artigos científicos foi possível rever e discutir abertamente sobre o presente tema. Sendo assim, será realizada uma discussão e uma breve reflexão sobre essa problemática que precisa ser sempre debatida, questionada e dialogada, não só no âmbito escolar mas, em todas as esferas devido sua grande importância, devendo dar conhecimento a todas as pessoas desde a fase inicial da vida de que as diferentes cores da pele não alteram a importância de nenhum ser humano. Ao analisar os dados das entrevistas, nota-se que os cursos deixam a desejar no que se refere a capacitação para as situações que envolvem preconceito étnico-racial, e que mesmo com a falta de capacitação alguns educadores buscam trabalhar de forma didática a temática em questão.

Palavras- Chave: Educação infantil. Prática pedagógica. Preconceito. Etnia.

^{*} Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: ritalopesrita@gmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil sempre se mostrou como uma fase desafiadora desde os primórdios, pois, é nessa fase que se constrói a base para todas as outras fases da educação. É de notório saber que a criança que possui uma educação infantil que supra as suas necessidades conseqüentemente será um adulto bem mais desenvolvido do que as que não foram trabalhadas na infância.

A educação é formada por etapas, e quando uma dessas etapas é pulada principalmente na infância, causa grandes danos a aprendizagem, conforme foi defendido por Santana e Mata (2016), no III CONEDU – Congresso Nacional de Educação.

Uma criança que não passa pelos anos iniciais, ou seja, a creche, terá como consequência dificuldades maiores na hora de desenvolver a escrita, leitura, interpretação textual e inclusive na hora de ser moldado no que se refere aos valores sociais, como é o caso do respeito pelas diferenças.

O melhor período de desconstruir conceitos negativos é quando o ser humano ainda está sendo moldado, ou seja, quando devem passar pela educação infantil, logo, não só os pais e familiares mas, os educadores e aqueles que compõem as instituições de ensino também influenciam na hora das crianças criarem seus conceitos sobre o mundo e tudo o que há nele, ainda em conformidade com as autoras supracitadas.

Sendo assim, cabe a todos que rodeiam as crianças traçar para elas a linha tênue do que é certo e do que é errado, ajudando-os assim a criar seus conceitos morais, inclusive no que tange a opinião quanto a etnia própria e alheia, já que no mundo há várias etnias, mas que infelizmente apesar do longo passar de anos, algumas ainda carregam consigo uma bagagem dura e árdua de preconceitos.

O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, (2008-2013), define o preconceito como algo que traz uma ideia ou acontecimento antecipado sem fundamento sério ou imparcial, bem como, uma opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos e que tem como sinônimo a intolerância que é um estado de abusão ou de cegueira moral.

Assim no que se refere ao interesse desse trabalho, preconceito é uma ideia mal formulada de povos, logo as crianças de forma implícita são levadas a ler histórias que vão em desencontro com a realidade étnica no cotidiano escolar

da educação infantil, pois a maioria dos contos de fadas traz atrelado a si, uma carga muito grande de preconceito, devido aos perfis traçados por seus principais personagens.

Trabalhando há quatro anos como professora da educação infantil, durante o percorrer do dia a dia da sala de aula, surgiu as seguintes indagações: Qual a importância de se trabalhar as questões étnicas raciais na educação infantil? Os professores estão trabalhando essa problemática com as crianças?

As referidas perguntas surgiram da necessidade de trabalhar a questão étnico racial com a turma de Jardim II que são alunos de 4 a 5 anos de idade, pois, uma aluna negra, onde todos os componentes da família são negros, não tem a percepção de si mesma quanto a sua cor e avalia de forma negativa sua etnia.

Tendo em vista que esse debate vem sendo trabalhado há pouco tempo nas salas de aulas, e mesmo assim essa discussão é vista mais em universidades, não existe um debate de como se trabalhar essas questões nos anos iniciais da educação infantil, o que seria de suma importância, já que, na infância se constrói boa parte dos conceitos dos seres humanos.

Contudo, a forma que mais parece aceitável e teoricamente mais fácil de ser colocada em prática é através da inserção no mundo dos pequenos, por meio dos contos de fadas, das histórias das princesas da Disney com a qual principalmente as meninas se identificam com as princesas brancas de cabelos lisos, pelo o fato de não ter brinquedos, desenhos animados, com personagens negros como protagonistas não existe essa identificação, o que por sua vez não é feito em casa.

Através disso passou-se a observar a aluna mais de perto, notando-se que existe um grande incentivo da mãe para que a menina tenha bonecas, roupas e objetos que retratem esse universo de contos de fadas, o que fica mais difícil da criança ter essa percepção de quem ela é, a própria mãe tenta alisar o cabelo da menina com chapinha quando tem alguma festa para ir. Houve tentativas de se trabalhar essa questão com a menina levando uma boneca negra para ela brincar e para surpresa de todos na sala, a mesma se recusou a tocar no brinquedo dizendo que: Não gosta de preto, só gosta de branco.

Nessa perspectiva, por meio de uma pesquisa qualitativa com docentes dos anos iniciais Educação Infantil, tivemos o intuito de observar como as mesmas lidam quanto a questão étnico-racial na sala de aula.

Assim, esse estudo teve como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas realizadas pelas docentes quanto a temática do preconceito étnico nas salas de aula, e teve como objetivos específicos refletir as ações e projetos voltados para trabalhar o preconceito na escola, assim, como também discutir a relação da etnia com a educação.

2 PRECONCEITO ÉTNICO NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir do conceito descrito acima, observa-se que o preconceito se vê desde a escravidão que houve no Brasil, e que apesar do Brasil ser um país de miscigenação racial, ainda é forte e marcante a presença do preconceito étnico, até mesmo porque foi o último país a adotar a abolição da escravidão em 1888.

Sendo assim, esses resquícios vem de séculos. São estruturas muito difíceis de serem quebradas onde os negros são vistos como pessoas inferiores, isto se comprova na medida em que a maioria dos negros exercem empregos subalternos, em bairros de periferia, ou seja, não se ver negros em papéis de protagonistas, conforme dados do IBGE 2011/2012.

Em muitos casos e para muitas pessoas, os negros estão sempre relacionados a bandidos e a escória da sociedade, dessa forma o próprio negro muitas vezes acaba por incorporar essas representações depreciativas de quem ele é na sociedade, como algo ruim e desmerecedor de uma dignidade humana plena.

Porém, não é só na fase adulta que acontece esse dano causado por preconceitos étnicos, na infância é costumeiro por haver crianças que se julgam inferiores por conta da cor da pele, como é o caso narrado pela autora Débora Menezes, (2007), onde a mesma relata como uma professora de Salvador – Bahia, enfrentou o preconceito e o sentimento de inferioridade de uma aluna de 3 (três) anos da creche, no que se referia a cor da própria menina e de seus semelhantes.

Os estereótipos apresentados como belos à sociedade influenciam diretamente no desejo das crianças, onde as mesmas buscam parecer com aqueles que se destacam na sociedade, o que na maioria das vezes são brancos de cabelos lisos.

Logo isso faz com que os negros principalmente na fase infantil, queiram se adaptar a esse padrão: Cabelos lisos e o nariz afilado, fazendo com que dessa forma eles acabem perdendo seus traços de negritude e se encaixando num padrão que talvez os façam sofrer por ter que esconder sua própria origem.

O que seria muito interessante a trabalhar desde a pré-escola essas questões e não esperar que o indivíduo cresça sem saber do seu valor. Se essas questões fossem sendo trabalhadas desde a Educação Infantil esses indivíduos se veriam de outra forma.

Bento (2012), relata que os profissionais da educação tem formulado a ideia de que a Educação Infantil é um espaço harmonioso e sem conflitos, no entanto, o que se tem comprovado é que o preconceito racial está presente até mesmos nas primeiras fases, pois as crianças desde pequenas percebem as diferenças entre si, comparando-se umas às outras e muitas vezes expressam atitudes que revelam preconceitos.

Sendo assim, a relação de preconceito racial é constantemente vivenciada nas escolas atingindo assim, as crianças, a mesma é vivenciada de modo velado, quase que despercebido pelos profissionais da educação, sendo constatada através do diferente tratamento e das dificuldades de relacionamento entre crianças negras e brancas, levando assim aos pequenos negros à negação da sua própria identidade devido os mesmos ainda não saberem se defender, de acordo com Cavalleiro (2010).

Para Bastide e Fernandes (1955) o preconceito regula as relações dos indivíduos com seu meio externo (sociedade) e interno (consciência), por isso, o preconceito interfere no ajustamento dos seres humanos, nos seus respectivos trabalhos e nas posições em que ocupam no meio da sociedade.

A lei 10.639/03 alterou Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a mesma acrescentou os artigos. 26-A, 79-A e 79-B, que estabelecem em meio as diretrizes e bases da educação nacional a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Devendo a lei ser cumprida em todas as instituições de ensino seja ela pública ou privada, no ensino fundamental e médio, normatizando a mesma a inclusão do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando assim a contribuição do povo negro nas seguintes áreas: social; econômica e política pertinentes à História do Brasil.

A lei 10.639/03 também impõe como data comemorativa o dia Nacional da Consciência Negra no dia 20 de novembro, sendo esta uma forma de homenagear um dos maiores líderes da luta dos negros por liberdade que foi Zumbi dos Palmares, esse dia é sempre lembrado pela luta contra o preconceito racial no Brasil, onde as escolas tem a oportunidade de trabalhar essa temática trazendo a cultura, a luta e toda a riqueza que os negros ajudaram a construir no Brasil.

Contudo a lei 10.639/03 não envolveu a educação infantil o que para Rosemberg (2012), é o motivo do desconhecimentos sobre as relações raciais no período da creche:

Ao silêncio dos movimentos sociais sobre a educação da criança pequena, se associa um intenso desconhecimento de nós pesquisadores/as sobre as relações raciais que se constroem no âmbito da creche e da pré-escola e da pequena infância (ROSEMBERG, 2012, p.36).

Logo deixando os pesquisadores, bem como, os educadores sem ter a real noção da extensão do preconceito racial entre as crianças da educação infantil, dificultando o processo para romper as barreiras do preconceito racial, a grande questão na educação infantil relacionado a etnia é de como trabalhar um tema tão complexo com seres que estão iniciando seu processo de aprendizagem.

Os contos de fadas estão permeados de princesas e príncipes brancos, de cabelos lisos e muitas vezes claros, faltando a realidade dos tons de peles miscigenados, assim surgiu a necessidade de se debater a respeito do tema.

3 OS CONTOS DE FADAS E O PRECONCEITO RACIAL

Os contos de fadas podem criar um mundo paralelo através das fantasias, dos enredos e dos personagens que o compõe, para muitas crianças os contos de fadas podem ser até mesmo um mundo no qual eles podem se refugiar, quando suas realidades são ladeadas de conflitos entre pais e filhos, carência afetiva e o sentimento de não pertencer aquele ciclo familiar ou social.

Para tanto, os contos de fadas são compostos de uma história que envolve situações problemas de valores sociais, morais e ético, onde no desenrolar de cada conto tenha sempre um valor significativo para as crianças

fazendo assim com que haja um reconhecimento das dificuldades e ao mesmo tempo o otimismo de que os mesmos podem sanar estas dificuldades.

Porém, para dar ao conto de fadas a ênfase necessária para atingir os pequenos aprendizes, é essencial que a história crie uma situação de envolvimentos intelectual e principalmente sentimental, de acordo com o que afirma, o autor Bettelheim:

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade.
Bruno Bettelheim (2007, p. 27).

A milhões de anos atrás surgiram os contos de fadas, inicialmente por meio oral, no entanto não é muito distante o início do uso de contos de fadas através da ludicidade, conforme destaca Coelho (2003). No mesmo sentido está Oliveira (2010), que acrescenta que nos primórdios dos contos, o objetivo das narrativas não eram para crianças e que essa prática era mais difundida entre hindus, persas, gregos e judeus, e que envolvia geralmente o homem e a natureza, e não como vemos atualmente as histórias que são encharcadas de príncipes e princesas.

Foi no decorrer do século XVII, na França, que se publicou a primeira coletânea de contos ainda durante o reinado de Luís XIV, mas o grande destaque é do autor Charles Perrault do século XIX, com seu livro Contos da mãe Gansa de 1697, foi nessa coletânea que foram publicados os seguintes contos: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar, é notório que os contos citados apesar do tempo são contados até hoje e estão entre os preferidos tanto das crianças da educação infantil quanto mesmo dos adultos, que provavelmente tiveram contato com esses contos na fase da educação infantil.

Ainda no referido século, surgiram as histórias dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que são responsáveis pela publicação de: A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, Chapeuzinho

Vermelho, A Gata Borralheira, O Corvo, As Aventuras do Irmão Folgazão e A Dama e o Leão.

Outros importantes representantes da literatura infantil do século XIX são os autores: Hans Christian Andersen, poeta e novelista dinamarquês; a Condessa de Segur (1856); Lewis Carroll (1865), como Alice no país das maravilhas e, o grande escritor Collodi, que publicou seu grande sucesso Pinóquio em 1883.

O histórico dos contos de fadas nos mostra por si só a escassez de personagens negros, ou considerados fora do estereótipo de beleza encantador digno de um conto de fadas, como é o caso da princesa Aurora personagem principal do conto A bela adormecida:

Aurora é uma jovem princesa de 16 anos com os cabelos loiros, com olhos de cor violeta, e os lábios rosas. Como um camponês, ela veste uma saia cinza com um corpete preto sobre uma blusa branca, e geralmente está descalça. Depois de descobrir seu status como uma princesa, ela veste um vestido de baile, que muda de azul para rosa, devido à Flora e Primavera terem discordado sobre a cor dela. (Wikipédia, Aurora. Acesso em 20 de janeiro de 2018).

Aurora como visto é o clássico tipo físico das princesas de contos de fadas, sendo assim para muitas meninas o padrão ideal de pessoa, instigando-as a querer serem brancas de cabelos lisos e claros, causando muitas vezes conflitos de pensamentos externos e internos entre as crianças dos anos iniciais da educação que estão em fase de construção da personalidade, outro exemplo dos clássicos contos de fadas é o da Branca de Neve e seus Sete Anões, como será exposto a seguir:

Branca de Neve é uma jovem de 14 anos, extremamente bonita, que causa inveja na Rainha pela sua beleza única e também por sua formosura. Com 'lábios vermelhos como sangue, cabelo negro como ébano e pele branca como a neve'. Ela tem um corpo esbelto e pés delicados. Embora ela seja magra, ela é a maior das princesas da Disney, mas nos produtos, como bonecas, seu tamanho é reduzido, para mostrar sua delicadeza e inocência. Ela é descrita como 'a mais bela em toda a terra', por uma beleza que ninguém possui. Branca de Neve é a mais magra de todas as princesas da Disney. Ela usa um vestido, que na parte de cima é um corpete azul escuro, com mangas bufantes azuis, com pequenos cortes laterais, na cor vermelho e uma

saia longa e rodada amarelo com ináguas brancas. Ela utiliza em seu cabelo uma fita vermelha e sapatos amarelos com laços. (Wikipédia, Branca de Neve, Disney acesso em: 20 de janeiro de 2018)

Além de estabelecer um estereótipo racial, a princesa Branca de Neve ainda estabelece um estereótipo corporal, por ser a mais magra de todas as princesas, e destacar ser a mais bela. Ou seja, para muitas crianças o aspecto físico ideal é o das princesas que elas tanto amam, por trazerem consigo um história de um mundo fantástico e de perfeição que possui sempre um final feliz

Não é diferente com os meninos, que sempre veem os príncipes como homens brancos, de cabelos claros, altos e fortes montados em seus cavalos desbravando o mundo cheios de coragem e ousadia. Fazendo com que os garotos negros se sintam muitas vezes inferiores aos pequenos brancos, o que gera transtorno de inferioridade, ou até mesmo violência entre eles, Dias (2011).

É válido pensar que a real intenção dos escritores de contos não era em primeira mão trazer embutido esse preconceito étnico, mas que de forma inconsciente foi o que ocorreu, já que são escassos os registros históricos de personagens negros, nos enredos das histórias encantadas.

Ao pesquisar na rede mundial de computadores sobre príncipes e princesas negras, será notado o quanto é recente o surgimento de conto de fadas com personagens negros.

A empresa Walt Disney a maior produtora de filmes de contos de fadas, teve seu primeiro filme de contos de fadas com personagens negros recentemente no ano de 2009, com o filme “A princesa e o Sapo”, porém trouxe consigo debates acirrados de opiniões divergentes sobre a condição dos personagens negros aparentar um estereótipo esbranquiçado e das condições as quais eram submetidos no decorrer da narrativa da história.

4 A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL O PRECONCEITO ÉTNICO

Percebe-se que no meio educacional falta trabalhar projetos voltados para a cultura negra não só no Dia da Consciência Negra pois todo tempo vive-se as diferenças, é preciso sempre vivenciar experiências com a diversidade. Ou seja, planejar, organizar brincadeiras, canções, histórias, que tratem das questões e

do legado cultural Étnico-Racial, pois já seria o primeiro passo para avançar no que diz respeito a cultura e tradições de cada etnia.

Segundo Cavaleiro 2010 (apud Toniosso 2011 p.6) por meio de seu ingresso no Núcleo de Pesquisas e Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro, da Universidade de São Paulo, juntando com a sua experiência em um creche municipal de Educação Infantil por quatro anos, com crianças de quatro a seis anos de idade, o mesmo constatou que nessa idade já se faz presente entre as crianças durante as brincadeiras e entre os professores em relação a elas, os tratamentos diferenciados, em momentos de cuidado e afeto.

Assim, nota-se claramente que em determinadas situações o preconceito parte dos educadores que na hora da recreação pratica o preconceito o que acaba acarretando para a turma visões negativas e distorcidas do outro.

De acordo com Gustavo (2011) apesar do preconceito afetar todos os grupos sociais, uma vez que limita e estreita os horizontes de ações e possibilidades de desenvolvimento das funções psíquicas dos homens, é sobre os grupos discriminados que ele incide seu peso expressivo e exploratório, posto que transforma suas diferenças em desigualdade e exclusão social.

Partindo desse pressuposto, percebemos que é na classe dos menos favorecidos que ocorre mais o preconceito, muitos dele camuflados dependendo da situação quantas vítimas sofrem caladas, por medo de se impor e lutar por sua etnia. Uma vez que, as situações do racismo acontece com o porteiro do prédio, com a empregada doméstica, com o filho do pedreiro e com os afro-descendentes que estão em uma posição social de maior poder. É lastimável que até nos dias de hoje aconteça o racismo que não deixa de ser um crime pois agride o ser humano.

Sem falar que grande maioria da população branca sempre teve mais privilégios em empregos, faculdades, televisão, publicidade, entre outros, de uns tempo pra cá houve um pequeno avanço em algumas áreas, mas ainda falta muita coisa para realmente desfrutarmos de direitos e oportunidades equivalentes.

É preciso que saia do papel tudo que deve ser feito para combater o preconceito, políticas públicas comprometidas, projetos voltados para educação, a comunidade, diálogos, poetas, autores, escritores, que possam dissertar a respeito da raça a fim de contribuir de forma positiva para a formação de nossa crianças que estão em processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Na próxima seção será descrito uma experiência no meu cotidiano escolar que me inspirou à estudar, a temática adotada neste trabalho.

4.1 Brinquedos e brincadeiras (Relato de uma experiência)

Os brinquedos e as brincadeiras possuem um grande significado durante o desenvolvimento infantil, através desses institutos as crianças tem experiências diversas, com essa perspectiva, foi colocado em prática no planejamento de uma professora trabalhar uma semana com as questões étnicos raciais voltada para a idade de uma turma dos primeiros anos da educação Infantil.

Logo foi iniciado o que o planejamento escolar estipulava, e a semana começou com uma contação de história onde foi escolhido o livro “Menina Bonita Do Laço de Fita” foi feita uma roda para ouvir a história e depois promover uma roda de conversa sobre a história, sobre o que os alunos mais gostaram e em seguida fazer o desenho dessa parte, um dos alunos questionou se a menina da história era a coleguinha da sala por causa da sua cor, ela ficou triste e disse que não era ela.

No dia seguinte voltou-se a tratar da mesma história, só que, com atividades relacionadas ao tema, a aluna Joana (nome fictício), fez uma pintura usando cores mais claras e o restante da turma pintou a menina de preto ou marrom, realizou-se uma encenação em sala usando máscaras dos personagens mas a aluna escolheu ser o coelho, para fechar a semana, foi levada uma boneca negra onde se indagou se os alunos achavam parecida com a menina da história que havia sido estudada no decorrer da semana.

Todos pegaram o brinquedo e acharam parecida com a menina da história, mas, a aluna Joana não quis tocar na boneca falando para todos ali presente que a boneca era feia por ser preta e que ela não gostava de preto, pois, gostava da Branca de Neve, tanto que seu aniversário seria dessa princesa.

Mesmo com muito esforço para trabalhar a questão étnico racial com os pequenos sem a ajuda da família fica difícil construir uma consciência nesses alunos em que a família não ajuda e de forma inconsciente faz um trabalho contrário, já que o aniversário dessa aluna acabou sendo realmente da Branca de Neve onde ela estava vestindo um vestido igual ao da princesa e com cabelos alisados, mesmo a professora tendo relatado as posições de Joana quanto a sua

etnia, e surpreendentemente a família demonstrou possuir os mesmos posicionamentos de que nem eles nem a menina possuíam etnia negra.

5 METODOLOGIA

O presente estudo como todo trabalho científico necessitou definir seu processo de investigação, assim trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que além da análise de dados coletados por meio de entrevistas com professoras da educação infantil, buscou também em vias secundárias, embasamento teórico em livros, revistas digitais e artigos científicos para melhor explicar o assunto do preconceito étnico no cotidiano escolar infantil.

Para Minayo (1992), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, pois, se pauta em um caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais deixando assim os entrevistados livres para apontar os seus pontos de vista sobre o assunto questionado.

O número pequeno de entrevistados para este trabalho ocorre por ser uma das características das pesquisas qualitativas, pois normalmente essas pesquisas são realizadas com um número pequeno de entrevistados, já que como dito anteriormente, não se preocupa em contabilizar quantidades nos resultados, e sim compreender o comportamento de determinado grupo.

Logo se optou pela pesquisa qualitativa como metodologia de investigação, diante da necessidade que a pesquisadora sentiu no dia a dia das suas aulas, de procurar soluções para trabalhar com alunos da educação infantil as questões que envolvem preconceito étnico-racial.

Sendo assim, foram contatadas três professoras, com as quais foram realizadas as entrevistas como meio de coleta de dado, Professora (A) Mayonara Souza 34 (trinta e quatro) anos, trabalha há 4 (quatro) anos no Colégio Atitude, Rua Benedito Mota, 1030 - Alto Branco, campina Grande, Paraíba; Professora (B) Kariny Rayane 27 (vinte e sete) anos, trabalha há 3 (três) anos na escola pública Vereador João Martiniano dos Santos, Assunção, Paraíba e a Professora (C) Maria Camila Aguiar 25 (vinte e cinco) anos, trabalha há 5 (cinco) anos no Colégio Autêntico , Rua Severino Verônica 117- Alto branco, Campina Grande, Paraíba.

Foram aplicadas três perguntas as professoras, a primeira se refere a existência de relações étnico-raciais entre os alunos, já o segundo questionamento trata da capacitação ou não, das professoras durante o curso de pedagogia, o terceiro e último trata das práticas pedagógicas no que desrespeito a aceitação da diferença étnico-racial.

Nesse sentido, “os estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises (...). O pesquisador usa um raciocínio complexo, multifacetado, interativo e simultâneo” (CRESWELL, 2007, p. 186-187), mas que antes necessitou de uma explanação contextualizada para que o presente trabalho, seja melhor compreendido.

6 ANÁLISE DE DADOS

Diante da análise dos questionários da realidade pública e privada foi possível constatar semelhanças no que diz respeito as relações étnico-raciais entre os alunos, e a promoção da didática e projetos voltados para combater o preconceito, porém há uma divergência notória no que diz respeito ao preparo acadêmico para lidar com o preconceito em sala de aula.

As respostas foram diferenciadas, assim, vale destacar que a maioria das docentes entrevistadas, acreditam que a formação acadêmica não é suficiente para auxiliá-las na sua prática pedagógica em situações envolvendo a cor da pele. Segundo Fabiana (2010), a escola é veiculadora de vários outros equipamentos além da educação, bem como, de vários outros fatores como a estética, a mídia, um modelo de saúde entre outros difusores que é veiculado no ambiente escolar que são produzidos incessantemente como o melhor, singular e belo, logo fazendo com que este seja o padrão que todos devem seguir.

Na fala da professora A, quando questionada a respeito de como acontecem as relações étnico-raciais entre os alunos a mesma respondeu da seguinte maneira:

De acordo com meu conhecimento e experiência profissional acadêmica acredito que as relações étnico-raciais acontecem entre os alunos por meio da convivência familiar escolar com o auxílio do mediador, através de situações que ocorrem no ambiente de ensino seja em uma brincadeira, no momento da aula, durante uma recreação. Durante minha jornada profissional nunca presenciei um caso de preconceito, uma vez que lecionei mais tempo na Educação Infantil. (Professora A).

Quando indagada sobre a contribuição de sua formação acadêmica para lidar com as questões ético-raciais presentes na escola a professora respondeu:

Pode-se dizer que a Formação Acadêmica quando pagamos algumas disciplinas relacionadas a cultura africana, história, antropologia, as mesmas nos dão um norte de como em determinadas situações podemos agir de forma coerente, temos um suporte teórico agregado à prática que mais tarde no decorrer de nossa profissão possamos lidar com situações que geram preconceito (Professora A).

Na questão sobre qual prática pedagógica você adota para a aceitação a diferença étnico-racial, a professora A se pronunciou dizendo:

Sim. Através de projetos, releituras de histórias, vídeos e filmes educativos, rodas de conversa, debates, exemplos que acontecem no nosso no dia-dia aplicando de acordo com a realidade de cada turma, e cada instituição, instruindo de uma forma educativa para que através de ações integradoras possa ser superado o preconceito em nossa escolas (Professora A).

De acordo com as respostas da professora A, foi possível perceber que a relação étnico-racial inicia-se primeiramente na família, mais tarde na escola onde as crianças começam o período de maturidade e aceitação do outro, diante disso é notável que começa na família os valores e a formação de identidade da criança.

Foi possível constatar de acordo com o depoimento da mesma que a universidade serve de ponte para a preparação na teoria junto a prática como lidar diante de uma situação onde o preconceito está presente. E por último percebemos que a professora A, se apropria de vários recursos didáticos para trabalhar as diferenças raciais na escola.

Na fala da professora B, foi possível diagnosticar o seguinte posicionamento de como acontece as relações étnico- raciais entre os alunos a mesma respondeu:

Mesmo sendo um tema muito trabalhado, e discutido ainda está muito presente e fortemente marcado dentro das salas de aula, os alunos ainda utilizam de apelidos e até mesmo exclusão. (Professora B).

Ainda sobre a questão: A sua formação te preparou para lidar com as questões étnico- raciais presentes nas escolas. A professora B respondeu:

Acredito que não, pois na formação a gente vê de maneira superficial, não tem um aprofundamento, são poucos os

momentos de estudo destinados pelo curso a esse conteúdo (Professora B).

No último questionamento quando perguntada sobre se a mesma faz uso de alguma prática pedagógica para trabalhar a aceitação étnica racial ela disse:

Sim recursos de vídeo problematizando as questões voltadas ao racismo, debates, e como essa temática sempre está presente nos livros didáticos fazemos uma roda de conversa sobre o assunto, levando livros da literatura infantil que valorizem as diferenças. (Professora B).

As respostas da professora B foram bem diferenciadas quando solicitada a respeito de como procede com as questões vinculadas as relações étnico-racial a mesma falou que é uma problemática muito presente que é muito falada, trabalhada, mas precisa de mais sensibilidade. Pode-se também notar que a professora B fala da lacuna que existe na Universidade que não prepara integralmente o aluno para lidar com questões étnico- raciais.

E na última questão percebemos semelhanças com as respostas da professora A ambas utilizam-se dos variados recursos para promover o respeito às diferenças na sala de aula.

Na fala da Professora C durante a indagação a mesma respondeu à respeito de como acontecem as relações étnicos- raciais entre os alunos? Da seguinte maneira:

Em linhas gerais, as relações no âmbito escolar se dão por meio do convívio dos alunos, seja em sala de aula, no intervalo das atividades, nos eventos que a escola propõe, na rotina da instituição. É claramente observável que as manifestações em torno das relações étnico-racial, são trazidas de fora para dentro, ou seja, não são oriundas da escola, mas envolve outras esferas como por exemplo a família, os valores e princípios que são defendidos, os grupos de amizade, a religião, a sociedade como um todo. Particularmente, eu, não presenciei nenhuma cena de preconceito, porém, colegas de profissão já relataram casos ocorridos. (Professora C).

Quando questionada à respeito sobre a contribuição da formação acadêmica para lidar com as questões étnico raciais presentes nas escolas a educadora respondeu:

Não. (Professora C).

No último questionamento sobre se a docente adotava alguma prática pedagógica ou promovia a aceitação da diferença étnico-racial a mesma respondeu:

Acredito que a prática não deve partir exclusivamente de um professor, mas deve fazer parte da política da escola, enquanto instituição formadora de cidadãos críticos e reflexivos. Quando a instituição não oferece uma prática plausível, o professor dentro da sua sala de aula, deve promover práticas educativas e acima de tudo de consciência e respeito. (Professora C 2018).

Nota-se nas afirmações da Professora C que as relações étnico-raciais advêm de vários fatores dentre eles: família, comunidade, escola, cultura todo o conjunto que faz parte do processo de interação e socialização. Percebe-se também que a mesma fala da ausência da contribuição acadêmica para tratar das questões raciais na Educação Infantil.

No último questionamento a mesma diz que a prática deve partir de várias iniciativas desde do professor até o gestor, juntamente com as políticas públicas para que seja realizado um trabalho comprometido com o respeito e a consciência

Dessa maneira, conclui-se, que as respostas foram diferenciadas em algumas perguntas à respeito da formação acadêmica, e algumas semelhantes quanto a relação étnico-racial. Contudo há posicionamentos divergentes dentro de cada realidade, mas que de uma forma direta ou indireta contribuiu de uma forma significativa para o presente estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi explanado no presente trabalho, nota-se que a relevância do tema é algo que está presente em todas as esferas da educação. Observou-se que os conteúdos escolares não contemplam, na maioria das vezes, a temática da história africana, limitando o negro à condição de escravo, como se ele não tivesse outra relação social na história, viés este que contempla principalmente a educação infantil por se tratar dos anos iniciais da educação dos indivíduos.

Objetiva-se com o presente estudo aprimorar as relações étnico-raciais, a lei 10.639/03 foi um passo basilar para que possa se dar novos passos rumo a uma educação infantil que supere o preconceito entre etnias, porém

considerando as limitações no que tange a formação dos educadores, que em sua maioria como comprovado no questionário, não passou por uma capacitação voltada ao assunto.

Contudo, a solução das limitações quanto a formação dos profissionais está na atual literatura que a cada dia aumenta suas histórias com personagens negros inclusive nos contos de fadas, além de cursos de extensão e pós-graduação com linha temática voltada para os estudos africanos. Os educadores possuem uma carga de enorme relevância para a sociedade, já que como estipula Foucault (1997), aqueles que passam pela escola tem seus corpos disciplinados, pois revelam a educação a que são submetidos.

Assim, conclui-se que os profissionais da educação devem trabalhar com ênfase as questões atreladas aos negros, de forma que busque retirar das crianças o preconceito que estas venham a possuir no presente e no futuro como adultos, trabalho este que deverá ser realizado por meio de projetos no âmbito escolar que tenham o apoio familiar, para que não ocorra o mesmo que ocorre o caso da menina Joana, que a professora buscou trabalhar a aceitação da menina como negra e a mesma e seus familiares não aceitaram a realidade, de que ela era negra e que negro é digno dos mesmos direitos dos brancos pois o preconceito é um mero dissabor para os seres humanos.

ABSTRACT

It is known that, from the earliest times, the presence of social, economic, religious and ethnic-racial prejudices is recurrent, where people are judged by their color. From a qualitative study with a student and teachers of Early Childhood Education it was possible to verify some factors that should be discussed in the educational environment in order to make significant improvements. The scope is to analyze the pedagogical practices carried out by the teachers regarding ethnic-racial themes in classrooms, to reflect the actions and projects aimed at working on prejudice in school, as well as to discuss the relationship between ethnicity and education. In fact, there must be adequate measures for prejudice to be fought, where all are more tolerant and accept the other as it is in essence and not in appearance. Families, schools must be partners in carrying out an educational work composed of lectures, debates, films, campaigns, to end this racist thinking that still remains in our society. From the analysis of the interviews and bibliographical researches in books, digital magazines and scientific articles it was possible to review and discuss openly about the present theme. Therefore, a discussion and a brief reflection will be held on this problem, which must always be debated, questioned and dialogued, not only in the school environment but in all spheres due to its great importance, and to give all persons knowledge since the phase that the different colors of the skin do not alter the importance of any human being. When analyzing the

interview data, it is noted that the courses are poor in terms of training for situations involving ethnic-racial prejudice, and that even with the lack of training some educators seek to work in a didactic way on the subject in question.

Keywords: Child education. Pedagogical practice. Preconception. Ethnicity.

REFERÊNCIAS

A reprodução das desigualdades de gênero e raça nos contos de fadas. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-reproducao-das-desigualdades-de-genero-e-raca-nos-contos-de-fadas/>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

A LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAS: Reflexões a partir da lei 10.639/03 Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/a-literatura-infantil-e-as-relacoes-etnico-raciais-reflexoes-a-partir-da-lei-10-63903/>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2017.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. ed. (1955). São Paulo: UNESCO/Anhembi.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), 2012.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos: **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

III CONGRESSO Nacional de Educação. Disponível em: <<http://conedu.com.br/2016/>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre. Editora: Artmed. 2ª Edição. 2007.

Dias, Renato da Silva. **Príncipes negros nas festas de brancos: Poder, revolta e identidades escravas nas Minas setecentistas**. Almanack. Guarulhos, n.02, 2º semestre de 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

IBGE (Ministério da Educação, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais – INEP – Censo Educacional 2012). Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2018.

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 07 de janeiro de 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992

OLIVEIRA, Patrícia. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. Monografia apresentada ao Curso de graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em 04 /03 /2010.

PRECONCEITO. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/preconceito>>. Acesso em: 15 dezembro de 2017.

ROSEMBERG, Fulvia. **A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais**. In BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

UFERGS, Métodos de pesquisa. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

ANEXO

ENTREVISTAS

Professora A

1 Como acontecem as relações étnico-racial entre os alunos? Caso tenha acontecido algum preconceito, descreva a reação do aluno e a reação da professora.

RESPOSTA-

De acordo com meu conhecimento e experiência profissional acadêmica acredito que as relações étnico-racial acontecem entre os alunos por meio da convivência familiar e escolar com o auxílio do mediador, através de situações que ocorrem nos ambientes de ensino seja em uma brincadeira, no momento da aula, ou durante uma recreação.

Durante minha jornada profissional nunca presenciei um caso de preconceito, uma vez que lecionei mais tempo na Educação Infantil.

2 Em sua opinião, sua formação acadêmica te preparou para lidar com as questões étnico-raciais presentes na escola?

RESPOSTA-

Pode-se dizer que a formação acadêmica quando pagamos algumas disciplinas relacionadas a cultura africana, história, antropologia, as mesmas nos dão um norte de como em determinadas situações podemos agir de forma coerente, temos um suporte teórico agregado à prática que mais tarde no decorrer de nossa profissão possamos lidar com situações que geram preconceito.

3 Você adota alguma pratica pedagógica que promove à aceitação a diferença étnico-racial?

RESPOSTA-

Sim. Através de projetos, releituras de histórias, vídeos e filmes educativos, rodas de conversa, debates, exemplos que acontecem no nosso dia-dia aplicando de acordo com a realidade de cada turma, e cada instituição, instruindo de uma forma educativa para que através de ações integradoras possa ser superado o preconceito em nossas escolas.

Professora B

1 Como acontecem as relações étnico-raciais entre os alunos? Caso tenha acontecido algum preconceito, descreva a reação do aluno e a reação da professora.

RESPOSTA-

Mesmo sendo um tema muito trabalhado, e discutido ainda está muito presente e fortemente marcado dentro das salas de aula, os alunos ainda utilizam de apelidos e até mesmo exclusão.

2 Em sua opinião, sua formação acadêmica te preparou para lidar com as questões étnico-raciais presentes na escola?

RESPOSTA-

Acredito que não, pois na formação a gente vê de maneira superficial, não tem um aprofundamento, são poucos os momentos de estudo destinados pelo curso a esse conteúdo.

3 Você adota alguma prática pedagógica que promove a aceitação da diferença étnico-racial?

RESPOSTA-

Sim recursos de vídeo problematizando as questões voltadas ao racismo, debates, e como essa temática sempre está presente nos livros didáticos fazemos uma roda de conversa sobre o assunto, levando livros da literatura infantil que valorizem as diferenças.

Professora c

1 Como acontecem as relações étnico-racial entre os alunos? Caso tenha acontecido algum preconceito, descreva a reação do aluno e a reação da professora.

RESPOSTA-

Em linhas gerais, as relações no âmbito escolar se dão por meio do convívio dos alunos, seja em sala de aula, no intervalo das atividades, nos eventos que a escola propõe, na rotina da instituição. É claramente observável que as manifestações em torno das relações étnico-racial, são trazidas de fora para dentro, ou seja, não são oriundas da escola, mas envolve outras esferas como por exemplo a família, os valores e princípios que são defendidos, os grupos de amizade, a religião, a sociedade como um todo. Particularmente, eu, não presenciei nenhuma cena de preconceito, porém, colegas de profissão já relataram casos ocorridos.

2 Em sua opinião, sua formação acadêmica te preparou para lidar com as questões étnico-raciais presentes na escola?

RESPOSTA-

Não.

3 Você adota alguma prática pedagógica que promove à aceitação a diferença étnico-racial?

Resposta-

Acredito que a prática não deve partir exclusivamente de um professor, mas deve fazer parte da política da escola, enquanto instituição formadora de cidadãos críticos e reflexivos. Quando a instituição não oferece uma prática plausível, o professor dentro da sua sala de aula, deve promover práticas educativas e acima de tudo de consciência e respeito.